

A propriedade do Agente implícito em sentenças médias¹

Cristiany Fernandes da Silva (UnB)

RESUMO: Este artigo discute a presença de um Agente implícito em construções médias. Esse argumento implícito pode ser examinado a partir das diferentes análises da formação de sentenças médias: análise pré-sintática, sintática e pós-sintática. Segundo a literatura, testes sintáticos poderiam ser usados para mostrar (ou não) a existência desse Agente implícito. Seguimos uma proposta em que a leitura do Agente é captada pelo traço Modo/Instrumento presente em alguns verbos. Argumentamos que apenas os verbos do tipo de *pintar* possuem esse componente. Portanto, apenas as sentenças médias formadas com esses verbos receberiam leitura de Agente implícito.

Palavras-chave: Construções médias; Agente implícito; componente modo/instrumento.

ABSTRACT: *This paper discusses the presence of an implicit Agent in the middle constructions. This implicit argument can be examined from different analyses of middle formation: pre-syntactic, syntactic and post-syntactic analyzes. According to the literature, syntactic tests could be used to show (or not) the existence of this implicit Agent. We follow a proposal in which the interpretation of the Agent is captured by an Instrumental/Manner Component present in some verbs. We argue that only paint-like verbs have this component. Therefore, only middle sentences formed with these verbs receive an interpretation of an implicit Agent.*

Keywords: *Middle construction; implicit Agent; instrumental/manner componente.*

1. Introdução

Dentro do fenômeno das alternâncias verbais, consideramos o das construções médias. Alguns exemplos de sentenças médias, em que há a demissão do argumento externo e a promoção do argumento interno para a posição de sujeito, são:

- (1) a. Essa parede pinta rapidamente.
b. Esse vaso quebra facilmente.
c. Esse apartamento vende rapidamente.
d. Sorvete derrete facilmente.

Este artigo discute o fato de que na sentença média interpreta-se um Agente que não está explícito, ou seja, quando se diz *Essa parede pinta rapidamente* está-se

¹ Este artigo tem por base pesquisa de Mestrado desenvolvida no âmbito da Teoria Gerativa.

pressupondo que *alguém pinta essa parede rapidamente* ou que *essa parede é facilmente pintada por alguém*.²

A literatura tem definido argumento implícito como um elemento foneticamente nulo, mas que apresenta seus reflexos na sintaxe e na semântica de uma sentença. Bhatt (2009, p. 1) defende que *implicit arguments are elements that we need for syntactico-semantic reasons but which do not occupy a canonical syntactically realized position*. Uma das questões comumente levantadas pelos teóricos é se este argumento implícito fornece sintaticamente alguma evidência da sua existência apesar de não ser projetado na sintaxe.³

O Agente implícito de médias é explicado sob distintas análises da derivação desse tipo de sentença. Nosso objetivo é destacar as análises pré-sintáticas, as análises sintáticas e as análises pós-sintáticas, identificando os autores de cada linha e o tipo de abordagem que fazem dos dados de sentenças médias, de modo geral. Em seguida, problematizaremos e aplicaremos testes sintáticos usados para identificar a presença desse Agente implícito. Nossa análise vai no sentido de mostrar que a leitura do Agente implícito é decorrente, em sentença média, de um traço Modo/Instrumento que alguns verbos carregam. Isso significaria que apenas nas sentenças médias com esses verbos essa leitura seria identificada.

2. O agente implícito em construções médias

O estudo do Agente implícito em construções médias segue, na literatura, as seguintes hipóteses: (i) o papel de Agente não é projetado na sintaxe, mas está presente na grade temática do verbo (análises pré-sintáticas); (ii) o papel temático é absorvido por um clítico abstrato ou é realizado na sintaxe por meio de uma categoria PRO ou *pro* (análises sintáticas); (iii) o papel temático de Agente não é expresso na sintaxe e tampouco na semântica, sua interpretação decorre do significado do verbo (análises pós-sintáticas).⁴

² Construções médias, além da interpretação de um agente implícito, possuem as seguintes características (cf. RODRIGUES, 1997; CAMBRUSSI, 2007):

- (i) A interpretação da sentença é estativa, ou seja, não se refere a um evento;
- (ii) O tempo descrito na sentença é não pontual, utilizando-se do tempo presente;
- (iii) Há a interpretação de uma propriedade genérica associada ao argumento na posição de sujeito;
- (iv) De modo geral, tem-se a presença de um modificador, como *fácil* e *rápido*.

³ Argumentos implícitos, entre outros casos, também são captados em sentenças passivas e como objetos nulos:

- (i) A porta foi aberta;
- (ii) João convidou para sair.

⁴ Vamos apresentar as análises, mas não é nosso objetivo, neste trabalho, testar as hipóteses.

2.1 Análises Pré-Sintáticas

Análises pré-sintáticas advogam a existência de um Agente implícito, que, embora não esteja presente na estrutura sintática, está presente no componente interpretativo (semântico) da sentença. O papel temático de Agente é lexicalmente saturado por ter sido atribuído a um “argumento arbitrário” ainda no léxico. Esse argumento sendo arbitrário não precisa ser projetado na sintaxe. Seguem essa linha, entre outros, Roberts (1987), Fagan (1988, 1992) e Marelj (2004).

Roberts (1987) argumenta que quando ocorre a externalização do Tema na sentença média o Agente representa, na verdade, um papel temático *chômeur*. Esse papel *chômeur* é interpretado sob a forma de uma referência genérica.⁵

Para Fagan (1988, 1992), sentenças médias envolvem uma quantificação genérica sobre o argumento implícito interpretado como [+humano], que, segundo a autora, tem referência arbitrária. Conforme Fagan, na interpretação da sentença média, atribui-se uma leitura de habilidade ou possibilidade ao argumento arbitrário:

- (2) a. This shoe organizer mounts securely on a door or against a wall.
 a'. “People, in general, can mount this shoe organizer securely on a door or against a wall.”

(FAGAN, 1992, p. 155)

A autora imputa a aplicação da regra *arb* (arbitrário) ao argumento externo. Essa regra é aplicada ainda no léxico e tem o efeito de saturar o papel temático do argumento externo/Agente. Desse modo, o Agente implícito de médias é lexicalmente, mas não sintaticamente saturado, ou seja, o Agente não tem realização sintática na posição de argumento externo.

Marelj (2004) afirma que sentenças médias são formadas no léxico (*Lexicon Middle Formation*). Segundo esse ponto de vista, as estruturas médias retêm um argumento implícito que é interpretado como *arb* com o traço [+humano]. Além disso, também ressalta que estruturas médias possuem leitura genérica.

2.2 Análises Sintáticas

⁵ A expressão “papel temático *chômeur*” significa o mesmo que “papel temático demovido”, no caso o papel de Agente, que não está presente na sentença.

Nas análises sintáticas, o Agente é considerado um argumento implícito presente na estrutura sintática. Keyser & Roeper (1984), Hoekstra & Roberts (1993), Stroik (1992, 1995, 1999), Rodrigues (1997) e Pacheco (2008) adotam essa perspectiva.

Segundo Keyser & Roeper (1984), a sentença média retém um Agente implícito. Os autores afirmam que um exemplo de sentença média como (3) pressupõe um *trimmer*, ou seja, alguém que poda o arbusto facilmente.

(3) The hedge trims easily.

(KEYSER & ROEPER, 1984, p. 404)

A proposta dos autores se baseia na presença de um clítico abstrato, que não tem forma fonológica em inglês, mas que no italiano, por exemplo, é representado pelo clítico *si* e no português por *se*: *English has an abstract si clitic that absorbs case and the agent theme, but it is inexpressible* (KEYSER & ROEPER, 1984, p. 407). A função desse clítico é a de absorver/carregar o papel de Agente.

Para Hoekstra & Roberts (1993), o Agente/argumento implícito é sintaticamente inativo porque não tem uma manifestação sintática enquanto elemento presente na sentença, mas pode ser representado por meio de uma categoria *pro* situada em Spec-VP:

(4) [IP bureaucrats_i [I' [VP *pro* [V' bribe t_i easily]]]]

(HOEKSTRA & ROBERTS, 1993, p. 186 *apud* STROIK, 1999, p. 120)

Para Stroik (1992, 1995, 1999), sentenças médias são formadas por processos sintáticos. A construção média tem presentes no momento da sua derivação todos os seus argumentos, incluindo o argumento externo. O verbo vai para a sintaxe transitivo e o argumento externo é projetado como PRO adjungido ao VP. Desse modo, o argumento interno fica livre para se mover para a posição de sujeito, visto que o argumento externo está em posição de adjunção:

(5) [IPbureaucrats_i [I' [VP [VP [V'bride t_i easily]]PRO]]]

(STROIK, 1999, p. 121)

Rodrigues (1997) sugere que verbos médios formam sentenças nas quais um Agente é mapeado, mas é absorvido pelo marcador medial *se*. Pacheco (2008) igualmente

se apóia na presença do clítico *se* em sentenças médias, afirmando que ele é uma marca de Agente. Esse ponto será melhor explicitado com dados na seção 3.2.

2.3 Análises Pós-Sintáticas

Nas análises pós-sintáticas, a interpretação do Agente é vista como um acarretamento do significado do verbo. Hale & Keyser (1986) e Klingvall (2005) trabalham com essa hipótese.

Hale & Keyser (1986) afirmam que sentenças médias envolvem apagamento de Agente na grade temática do verbo. A ideia é que o Agente está presente apenas na estrutura conceitual lexical dos verbos médios.

Segundo Klingvall (2005), a possibilidade de um Agente implícito existir é sugerida pela própria interpretação dada às construções médias. Para a autora, o dado (6) relaciona *the clothes* com um Agente não especificado que *as pendura facilmente*.

- (6) The clothes hang easily.
(KEYSER & ROEPER, 1984, p. 383 apud KLINGVALL, 2005, p. 92)

A autora ressalta também que a interpretação do Agente vai depender do tipo de verbo e que essa interpretação é apenas uma consequência do nosso conhecimento de mundo (KLINGVALL, 2005, p. 111):

It might be the case that we interpret the middle [...] as in some sense agentive because our knowledge of the world makes us associate the verb cut with someone performing the action of cutting. That is, an event of cutting cannot take place without someone performing this action. Again, if the middle [...] specifies a property of this bread [for example], the property in question is one of easiness of cutting, i.e. the property is linked to the (possible) performance of an action. Therefore, if we interpret the middle [...] as agentive, that is because an agent is indirectly involved. Crucially, however, since the agent is not directly involved, it is not present structurally either, at any level. From this line of reasoning, the agentive flavor in middles is the result of our knowledge of world, not of a particular argument or projection being structurally present.

Klingvall conclui afirmando que parece lógico dizer que médias não são agentivas por falharem em alguns testes que identificam sintaticamente a presença desse Agente. Mas a autora admite que alguns exemplos ainda desafiam essa análise e chocam com a própria interpretação que os falantes dão às sentenças médias.

3. Problematização dos testes

A intenção aqui é problematizar os testes disponíveis na literatura que identificam (ou não) o Agente implícito. Buscaremos mostrar que os testes não são conclusivos, de maneira que a interpretação de Agente implícito deve ser decorrente de outros traços. Na nossa análise, o traço semântico de Modo/Instrumento que alguns verbos carregariam seria o responsável pela interpretação de Agente implícito.

3.1 Teste 1: Controle de PRO

A presença de um Agente implícito pode ser captada a partir de sentenças finais com controle PRO. O sujeito da oração final realizado por uma categoria vazia PRO é coindexado, na maioria das vezes, com o sujeito da oração principal. Para ilustrar, temos que em (7a) o sujeito da sentença principal é o mesmo da infinitiva. Porém, em (7b), uma passiva, PRO não é controlado sintaticamente por um elemento dentro da sentença e recebe interpretação arbitrária fora da sentença: quem construiu o parque não precisa ser aquele que tem a intenção de deixar as pessoas felizes.

- (7) a. Mary_i read the book PRO_i to learn more about physics.
 b. This park was built PRO_{arb} to keep people happy.
 (KLINGVALL, 2005, p. 104)

Quanto ao controle ser possível em sentenças médias, a opinião dos autores diverge. Erteschik-Shir & Rapoport (1997) afirmam, por exemplo, que sentença de controle não co-ocorre com médias porque estas simplesmente não retêm qualquer Agente implícito. No entanto, Stroik (1992, 1995, 1999) ressalta que o controle existe com verbo gerundivo, como ilustra (8a) em oposição ao dado (8b).⁶ O segundo PRO em (8a) é controlado pelo primeiro PRO.⁷ A não finitude do verbo em (8b) deixa a sentença agramatical.

- (8) a. Bureaucrats bribe easily PRO_i after PRO_i doing them a favour or two.
 b. *Bureaucrats bribe easily PRO_i PRO_i to keep them happy.

⁶ Orações gerundivas também podem ou não expressar um sujeito co-referente com a oração principal. Em (i), PRO se refere tanto a *John* quanto a um sujeito arbitrário. Em (ii), o sujeito vem expresso (cf. mais detalhes em PIRES, 2006).

(i) John_i is worried about PRO_{ij} *being* late.

(ii) John is worried about Mary_i PRO_i *being* late.

⁷ O primeiro PRO é o argumento Agente de médias que ocorre junto ao VP, conforme postulado por Stroik (1992, 1995, 1999, cf. seção 2.2).

(STROIK, 1995, p. 169)

O trabalho de Pacheco (2008) utiliza o teste de controle de PRO como meio de identificar a existência sintática de argumento externo. Sua ausência torna as sentenças em (9a, b e c) agramaticais e sua presença em (9a', b' e c') torna as sentenças gramaticais. Conforme a autora, o clítico *se* atuaria como elemento controlador de PRO, por isso estas últimas sentenças são boas.

- (9) Médias
- a. Livro infantil escreve *[para PRO agradar as crianças].
 - a'. Livro infantil SE escreve [para PRO agradar as crianças].

 - b. Água desperdiça *[para PRO irritar a dona da casa].
 - b'. Água SE desperdiça [para PRO irritar a dona da casa].

 - c. Receita de bolo prepara *[para PRO servir os convidados].
 - c'. Receita de bolo SE prepara [para PRO servir os convidados].
- (PACHECO, 2008, p. 77-78, destaques da autora)

O problema com essa análise reside no fato de nem todos os verbos aceitarem a presença do clítico, como veremos a seguir.

3.2 Teste 2: Clítico *se*

Keyser & Roeper (1984), Rodrigues (1997) e Pacheco (2008) fazem referência, em seus trabalhos, à presença de um clítico *se* nas construções médias. Conforme a proposta de Rodrigues (1997), os verbos médios se dividem em três classes, segundo a possibilidade da ocorrência desse clítico. Verbos da classe I rejeitam a presença de *se* na sentença média (cf. (10)), já os verbos da classe II não exigem a presença de *se*, mas podem admiti-lo (cf. (11)), e os verbos da classe III requerem, obrigatoriamente, segundo a autora, a presença do clítico *se* (cf. (12)).

- (10) CLASSE I: ausência obrigatória de *se*
- a. Feijão roxinho (**se*) cozinha facilmente.
 - b. Pão de queijo (**se*) assa facilmente.
 - c. Manteiga (**se*) derrete facilmente.
- (RODRIGUES, 1997. p.95)
- (11) CLASSE II: opcionalidade de *se*
- a. Essa porta (se) fecha facilmente.

- b. Essa janela (se) abre facilmente.
- c. Esse vaso (se) quebra facilmente.

(RODRIGUES, 1997, p. 96)

- (12) CLASSE III: presença obrigatória de *se*
- a. Línguas eslavas se traduzem facilmente.
 - b. Esse tipo de ponte se constrói facilmente.
 - c. Essas doenças se transmitem facilmente.

(RODRIGUES, 1997, p. 96)

A questão a se discutir é se a presença desse clítico configura verdadeiramente uma marca de Agente, visto que ele pode aparecer ou não. Fica ainda a questão de por que nem todos os verbos admitem a presença de *se*.

Por essa seção, vemos que a função do clítico *se* como manifestação morfológica do Agente Implícito em estruturas médias permanece em aberto. O uso desse clítico está sujeito a uma variação translinguística e sua distribuição em sentenças médias demanda mais análises.

3.3 Teste 3: Advérbios Agentivos

A inserção de um advérbio agentivo, como *intencionalmente*, *cuidadosamente* e *voluntariamente*, às sentenças podem trazer evidências da presença de um Agente implícito. Roberts (1987) discute o contraste entre as sentenças abaixo, uma passiva e uma ergativa, respectivamente, em termos da seleção do advérbio:

- (13) a. The book was sold *voluntarily*.
b. *The book sold *voluntarily*.

(ROBERTS, 1987, p. 105)

Segundo o autor, advérbios do tipo de *voluntarily* são compatíveis apenas com certos tipos de predicados. Tais predicados precisam expressar um Agente e uma leitura de evento. A sentença passiva em (13a) obedece a essas regras, por isso é gramatical. Já a sentença ergativa, em (13b), apesar de ter a leitura de evento, não expressa sintaticamente um termo Agente, sendo assim agramatical.

O mesmo acontece com os advérbios *deliberately* e *intentionally*. Segundo Roberts, a sentença ergativa (14a) não atende o requisito da expressão do Agente e a sentença

estativa (14b) não atende o requisito da leitura de evento. Por isso, são marcadas como agramaticais.

- (14) a. *The ice *deliberately* melted.
 b. *John *intentionally* knew the answer.
 (ROBERTS, 1987, p. 107)

Por esse teste, verificamos que as sentenças médias não expressariam Agente implícito porque formam sentenças agramaticais:

- (15) a. *Essa porta abre fácil *cuidadosamente*.
 b. *Esse muro pinta fácil *cuidadosamente*.

Também para Klingvall (2005), o suposto Agente implícito de médias não licencia a presença de um advérbio agentivo:

- (16) This book reads (*intentionally) easily.
 (KLINGVALL, 2005, p. 103)

Pacheco (2008) discute a presença de advérbios orientados para o sujeito. Mas de acordo com a autora, apenas argumentos externos sintaticamente ativos, com a presença do clítico *se*, licenciam advérbios agentivos. A autora utiliza expressões agentivas como *de propósito* e *com cuidado e atenção*.

- (17) a. *Livro infantil escreve com cuidado e atenção.
 a'. Livro infantil SE escreve com cuidado e atenção.
 b. *Água desperdiça de propósito.
 b'. Água SE desperdiça de propósito.
 c. *Receita de bolo prepara com cuidado e atenção.
 c'. Receita de bolo SE prepara com cuidado e atenção.
 (PACHECO, 2008, p. 81, destaques da autora)

As sentenças médias, em (17), somente licenciam modificadores agentivos orientados para o sujeito quando da presença do clítico *se*, pois esse elemento faz as vezes de um argumento externo. No entanto, observamos que as sentenças médias em (18) abaixo se mostram agramaticais mesmo com um clítico presente, significando que o clítico

não licencia a presença do advérbio com os verbos em questão. Nesse caso, o tipo de verbo pode influenciar na interpretação do Agente implícito.

- (18) a. *Vaso de cristal (se) quebra facilmente de propósito.
b. *Essa janela (se) abre facilmente de propósito.

A distribuição do clítico *se*, como já ressaltado, demanda mais análises tendo em vista o real papel que exerce nas sentenças.

3.4 Teste 4: Co-ocorrência com *all by itself*

A expressão *all by itself* significa sozinho/sem ajuda alguma. Conforme Keyser & Roeper (1984), a sentença ergativa (19a) é compatível com tal expressão por não pressupor a existência de um Agente. Por outro lado, a sentença média (19b) é agramatical, mostrando que haveria um Agente implícito.

- (19) a. The boat sank *all by itself*.
b. *Bureaucrats bribe easily *all by themselves*.
(KEYSER & ROEPER, 1984, p. 404)

Para Rapoport (1999), sentenças médias não têm Agente implícito. Todavia, a interpretação de agentividade evidenciada por alguns verbos se deve ao fato de eles terem um componente Modo/Instrumento (*Instrumental/Manner component*). Segundo a autora, esta informação está presente no item lexical, sendo inerente ao significado dos verbos do tipo de *cut*, *carve* e *crush*. Rapoport argumenta que esse componente traz em si a implicação de um proto-agente, que é o responsável pela leitura de agentividade. Nem todos os verbos possuem a leitura de Modo/Instrumento como parte de seu significado e com esses verbos não existe qualquer efeito de agentividade. Por isso, a agramaticalidade de (20) em oposição à gramaticalidade de (21).

- (20) a. *This kind of bread cuts easily all by itself.
b. *This wood carves easily all by itself.
c. *This ice crushes easily all by itself.
(RAPOPORT, 1999, p. 151)

- (21) a. This kind of glass breaks easily all by itself.
b. Milk chocolate melts smoothly all by itself.

- c. These heavy windows open easily all by themselves.
 d. These comic books sell (easily) all by themselves.

(RAPOPORT, 1999, p. 151)

A análise de Salles & Naves (2009), corrobora, em certo sentido, a proposta de Rapoport (1999) de que o traço semântico Modo/Instrumento é inerente a alguns verbos. Dados do português mostram o mesmo comportamento que Rapoport notou no inglês: verbos do tipo de *abrir* aceitam a expressão *sozinho* sem problemas (cf. (22a)); entretanto, os verbos que possuem a leitura Modo/Instrumento, como *pintar*, constroem sentenças agramaticais (cf. (22b)).

- (22) a. A porta abriu *sozinha*.
 b. *Esse portão pinta facilmente *sozinho*.

Nesse caso, a noção de Modo/Instrumento que o verbo *pintar* carrega impede que termos como *sozinho* ocorram porque essa noção implica a vinculação com um Agente implícito. Desse modo, uma sentença com esse verbo pressuporia a interpretação do Agente, diferentemente de uma sentença com o verbo *abrir*.

3.5 Teste 5: Co-ocorrência com Sintagma Instrumental

Diz-se que a ocorrência de sintagmas instrumentais é uma pista para afirmar a presença de Agente implícito em sentenças médias. Para Hale & Keyser (1987) e Klingvall (2005), o fato de alguns falantes considerarem que médias possuem um Agente pode ser provado pela possibilidade da ocorrência de um sintagma instrumento nessas sentenças:

- (23) a. This bread cuts easily *with a hacksaw*.
 (HALE & KEYSER, 1987, p. 11)
 b. The window opens easily *with a knife*.
 (KLINGVALL, 2005, p. 101)

- (24) a. Essa porta abre facilmente *com a chave reserva*.
 b. Cabelo liso (se) penteia facilmente *com um pente*.
 c. Esse portão pinta facilmente *com um pincel*.

Como certos instrumentos não atuam sozinhos no desencadeamento do evento, como *pente* e *pincel*, esperávamos que esse teste funcionasse como diagnóstico de Agente implícito. Mas segundo nossa análise, a leitura de Agente implícito só seria obrigatória

com verbos do tipo de *pintar* e *pentear*, por exemplo, que possuiriam o traço de Modo/Instrumento, diferentemente de um verbo como *abrir*, cuja realização do evento que descreve não pressupõe necessariamente um Agente (cf. (22a)).⁸

3.6 Teste 6: *By-phrases* e *For-phrases*⁹

Analisando *for-phrases* e *by-phrases*, Klingvall (2005) diz que sentenças médias não são compatíveis com *by-phrases* e esse fato configuraria como uma evidência sintática de que o Agente implícito não existe nesse tipo de sentença:

(25) *This bread cuts easily *by me*.

(KLINGVALL, 2005, p. 107)

Entretanto, uma *for-phrase* pode ocorrer junto a médias apesar de essa estrutura ser considerada marginal por alguns falantes do inglês (ACKEMA & SCHOORLEMMER, 1995, p. 180):

(26) a. This kind of glass breaks easily *for clumsy people*.
b. This kind of window breaks easily *for experienced burglars*.

(KLINGVALL, 2005, p. 109)

Como observamos abaixo, sintagmas preposicionais de conteúdo agentivo tornam as sentenças médias agramaticais em português:

(27) a. Essa porta abre facilmente (*pelo João).
b. Essa parede pinta facilmente (*pelo João).

Para Cambrussi (2007), o português aceita sintagmas preposicionais apenas se estes tiverem interpretação de Causa:

⁸ Uma evidência para essa análise está relacionada com o fato de que verbos da classe de *abrir*, teoricamente desobrigados de uma leitura de agente implícito, quando afixados com *-or*, dão origem a nomes de instrumentos, enquanto verbos da classe de *pintar*, quando afixados, produzem nomes de Agente, como em *abridor* e *pintor*, respectivamente.

⁹ A preposição *by* é usada com sentido de *por*, se referindo a ações praticadas por um Agente. *For* está relacionado a algo dado ou destinado e é usado, normalmente, com sentido de *para*.

a. It was sent by me.

a'. Foi enviado por mim.

a. It was sent for me.

a'. Foi enviado para mim.

- (28) Esse edredom lava fácil *pela ação do novo jato d'água*.
(CAMBRUSSI, 2007, p. 55)

Assim, concluímos que a presença de sintagmas preposicionais de conteúdo agentivo em estruturas médias do português tornam as sentenças agramaticais, a menos que haja uma interpretação de causa, o que mostra que esse teste também não é conclusivo quanto à existência do Agente implícito.

4. Considerações finais

Este artigo tratou da interpretação de Agente implícito que a literatura atribui às sentenças médias. Apresentamos, primeiramente, as hipóteses que os estudos seguem em relação à existência desse Agente. Nas análises pré-sintáticas, o papel de Agente, embora não esteja projetado na sintaxe, está presente na grade temática do verbo. Em análises sintáticas, o papel temático é absorvido por um clítico abstrato ou é realizado na sintaxe por meio de PRO ou *pro*. Por fim, nas análises pós-sintáticas, a interpretação de Agente decorre do significado do verbo.

Seguimos com a apresentação dos testes que identificam ou não a presença do Agente implícito e os possíveis problemas com suas aplicações. Por essa razão, acreditamos que a interpretação de Agente implícito é decorrente de um traço Modo/Instrumento que os verbos do tipo de *pintar* carregam. A noção de Agente seria inerente a esses verbos. Seguindo essa linha, sentenças médias com verbos do tipo de *abrir*, que não possuem o traço de Modo/Instrumento, estariam “desobrigadas” da leitura de Agente, diferentemente das sentenças com verbos do tipo de *pintar*. Estão na mesma classe de *abrir*, entre outros, os verbos *quebrar*, *derreter*, *secar*, *afundar*, *furar*, *congelar* e *fechar*. Estão na classe de *pintar*, entre outros, os verbos *cortar*, *lavar*, *varrer*, *construir*, *esculpir* e *escrever*.

Referências Bibliográficas

- ACKEMA, P., SCHOORLEMMER, M. Middles and nonmovement. **Linguistic Inquiry** 26:173-197, 1995.
- BHATT, R. **Structural Properties of Implicit Arguments**. University of Massachusetts at Amherst, Semantics Seminar, December, 2009.
- CAMBRUSSI, M. F. **Médias e Ergativas**: uma construção, dois sentidos. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

ERTESCHIK-SHIR, N. & T. RAPOPORT, R. A theory of verbal projection. In: **On Interfaces in Linguistic Theory** eds. G. Matus & M. Miguel, 129-148. Lisboa: APL/Edições Colibri, 1997.

FAGAN, S. M. B. The English Middle. **Linguistic Inquiry**. n. 19: 181–203, 1988.

_____. **The syntax and semantics of middle constructions**: a study with special reference to German. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

HALE, K.; KEYSER, S. Some transitivity alternation in English. **Lexicon project working papers** 7. Cambridge, Mass., MIT, 1986.

HOEKSTRA, T. & ROBERTS, I. Middle construction in Dutch and English. In **Knowledge and language**. Vol. 2: Lexical and conceptual structure, eds. E. Reuland & W. Abraham, 183-220. Dordrecht: Kluwer, 1993.

KEYSER, S.; ROEPER, T. On the middle and ergative constructions in English. **Linguistic Inquiry**, v. 15, p. 381-416, 1984.

KLINGVALL, E. A secret agent in the middle? **The Department of English**: working papers in English linguistics, vol. V, ed. by Heinat F. and E. Klingvall, 2005.

MARELJ, M. **Middles and argument structure across languages**. Ph.D. dissertation. Utrecht: LOT, 2004.

PIRES, A. **The minimalist syntax of defective domains**: gerunds and infinitives. Amsterdam: John Benjamins, 1996.

PACHECO, J. C. **A sintaxe das construções médias no português do Brasil**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 2006.

RAPOPORT, T. R. The English Middle and Agentivity. **Linguistic Inquiry** 30/1: 147–155, 1999.

ROBERTS, I. **The representation of implicit and dethematized subjects**. Tese de Doutorado: Dordrecht, Foris, 1987.

RODRIGUES, C. A. N. **Aspectos sintáticos e semânticos das estruturas médias no Português do Brasil**: um estudo comparativo. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 1997.

STROIK, T. Middles and Movement. **Linguistic Inquiry** 23: 127–137, 1992.

_____. On middle formation: A reply to Zribi-Hertz. **Linguistic Inquiry** 26: 165-171, 1995.

_____. Middles and reflexivity. **Linguistic Inquiry**, v. 30, n. 1, p. 119-131, 1999.

Cristiany Fernandes da Silva possui graduação em Letras pela Universidade Católica de Brasília (2007) e mestrado em Linguística pela Universidade de Brasília (2011). Atualmente faz doutorado em Linguística na mesma universidade. Tem interesse pela pesquisa de línguas na linha de Teoria e Gramática Gerativa. (cristianyucb@yahoo.com.br).